

O País diante da Esfinge

Eis o País colocado na situação daquele a quem a Esfinge falou: *Decifra-me ou te devoro*. Mais do que decifrar enigmas, o País será obrigado a escolher entre a palavra de vários cavalheiros da maior respeitabilidade, a começar pela do presidente da República e a terminar, por enquanto, pela do diretor da Polícia Federal. Quem está dizendo a verdade neste assunto que começa a tornar-se podre não tanto pelas coisas que revelou, mas pelas suspeitas que grassam por Brasília e pelo espírito de muitos, se não de todos?

□ O chefe de Estado, que se declara espantado pelo fato de o senador Gilberto Miranda ter pedido, no seu relatório sobre o acordo entre o governo do Brasil e a Raytheon, a rejeição pura e simples do documento, quando dez dias atrás havia manifestado a ele, presidente Fernando Henrique, a importância do acordo e do projeto Sivam? Ou o senador, que afirma ter enviado, em junho, carta ao chefe do Poder Executivo, em que sugeria o cancelamento do projeto e mostrava as debilidades técnicas do material oferecido pela empresa norte-americana, além de ter advertido o presidente, em agosto, de que a tramitação do projeto iria demorar pelo menos seis meses?

□ O presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado e relator do projeto em questão, que avança com absoluta certeza que o projeto Raytheon está defasado tecnologicamente e que a navegação aérea sobre a Amazô-

nia poderia ser controlada pelo sistema Wide Area Augmentation System (WaaS) conjugado com o sistema Over the Horizon (OTH), tudo pelo custo de US\$ 670 milhões, contra o bilhão e 400 milhões do sistema Raytheon? Ou a Secretaria de Assuntos Estratégicos, que promete demolir peça por peça a argumentação do senador Gilberto Miranda, provando o acerto da escolha? Note-se que, nessa discussão, a população brasileira, exceto pequeno número de especialistas, nada terá a dizer, e os especialistas, por sua vez, poderão estar influenciados por motivações políticas. *Decifra-me ou te devoro!*

□ Ainda o senador Gilberto Miranda, que, em dezembro de 1994, relatando o primitivo acordo entre o governo brasileiro, a Raytheon e a Esca, sustentou a importância estratégica dele para o Brasil e recomendou a sua aprovação, depois, como disse, de pesquisar "incessantemente sobre os milhares de laudas, gráficos e tabelas, essa complexa matéria"? Ou o senador Gilberto Miranda, que agora coloca em suspeita o procedimento do Ministério da Aeronáutica e da Secretaria de Assuntos Estratégicos na contratação da Raytheon e da Esca, casuisticamente alegando razões de interesse nacional para não fazer licitação quando contratou a empre-



sa brasileira depois falida?

□ O presidente Fernando Henrique Cardoso, que teria mencionado a expressão "canais podres" em reunião com os líderes dos partidos que o apoiam, e ordenado rigorosa sindicância para apurar "do a quem doer" (ah! a memória de outras tantas investigações) como se deu todo o episódio da escuta, da degravação e (esperamos) de como as fitas chegaram às mãos da revista *IstoÉ*? Ou o diretor da Polícia Federal, que elogia o delegado que conduziu as

investigações, segundo S. Sa, procedendo dentro do mais absoluto respeito às normas regulamentares sobre o assunto e afirmando que é com escutas telefônicas que a Polícia Federal tem apreendido tráfico de entorpecente?

□ Ainda o diretor da Polícia Federal, que em declarações ao *Jornal do Brasil* afirma que não está "sendo valorizado o bem maior que foi tirar de perto do presidente [da República] uma pessoa nociva aos propósitos do governo" [o embaixador ou o ministro da Aeronáutica]? Ou o ministro da Justiça, que, em Porto Alegre, ao espocar do drama, declarou que nada havia de irregular naquilo que fora divulgado?

□ Uma penúltima dúvida, por ora, assaltará o País, depois de querer saber se alguém ouviu telefonemas do presidente Fernando Henrique

Cardoso: quem faz a política externa? O presidente da República, que constitucionalmente é por ela o responsável e que depois de ouvir os órgãos técnicos do governo decide que o acordo com a Raytheon é o melhor e é necessário para a segurança do País e seu bom relacionamento com os Estados Unidos? Ou o senador Gilberto Miranda, presidente da Comissão de Assuntos Econômicos do Senado (*cujos pares, agora, desejam retirar-lhe o poder que lhe conferi-*

Os brasileiros estão sendo chamados a escolher em que autoridade irão acreditar

ram, fazendo tudo correr por três comissões, o conjunto presidido pelo senador Antônio Carlos Magalhães), que pode com um parecer abalar a confiança da comunidade internacional na seriedade da condu-

ção da política externa pelo Itamaraty?

□ Quem tem razão, afinal: o diretor da Polícia Federal, que defende o que foi feito com unhas e dentes; o juiz de Direito, que se diz mal informado; o presidente da República, que fala em canais podres; ou o senador Romeu Tuma, que afirma não descartar, neste caso que começa a se tornar escabroso, a possibilidade da interferência de influências internacionais para afastar a Raytheon do projeto que ganhara?

Decifra-me ou te devoro, dizia a Esfinge...